

OS SABERES DOCENTES NECESSÁRIO PARA UMA PRÁTICA ALFABETIZADORA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Gabriele Ribas

Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG
gaby_ribas08@hotmail.com

Liliane Cipriano

Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG
liliane.cipriano@hotmail.com

Viridiana Alves de Lara

Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG
viri.lara@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como se desenvolve o processo de alfabetização numa perspectiva de letramento nas escolas da rede municipal, bem como as percepções das professoras das classes de alfabetização, referente aos saberes necessários que contribuem para sua prática pedagógica. Para tanto utilizamos os estudos de alguns autores, inclusive Tardif (2014) que nos esclarece sobre os saberes da prática pedagógica. Os objetivos específicos delineados para a pesquisa foram: esboçar o histórico e as concepções e métodos de alfabetização e letramento; investigar quais são os saberes docentes necessários para uma prática de alfabetização e letramento e identificar quais saberes, proposto por Tardif, os docentes possuem em relação à prática de alfabetização. A pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa, numa perspectiva descritiva, com o intuito de captar as percepções dos partícipes em relação às questões evidenciadas. Foi utilizado o questionário como instrumento de coleta de dados, o qual foi aplicado a professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal de Ponta Grossa, sendo estas atuantes nos 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental, por ser considerado como o ciclo de alfabetização. Após a análise dos dados ficou evidente a compreensão das professoras alfabetizadoras sobre a relevância dos saberes da experiência, da formação profissional, saberes disciplinares e saberes curriculares que contribuem para sua prática pedagógica alfabetizadora na perspectiva do letramento relacionando esses dados com conceitos expostos neste trabalho, sendo possível contemplar as percepções e práticas em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Saberes docentes.

Introdução

Ao longo de quatro anos de curso vivenciamos várias situações relevantes relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, observando tais problemas, buscou-se entender qual a concepção real dos professores sobre a prática de alfabetizar letrando, seu significado e sua importância. Neste sentido é preciso repensar como tem predominado as práticas de ensino nas escolas, esclarecendo a diferença entre o que é alfabetização e o que é letramento, pois são práticas diferentes, porém indissociáveis.

A falta de compreensão das mesmas pela parte docente gera grande confusão em seu uso teórico e prático, levando assim a perda do sentido de ambas. Para que a prática seja efetiva é preciso que exista uma conciliação entre esses dois termos, pois alfabetizar letrando propõe que o professor crie situações significativas sobre o aprendizado da língua, proporcionando para as crianças momentos reais de interação com a escrita, para que se torne um indivíduo letrado.

As reflexões sobre essa temática surgiram nos momentos de inserção e estágios nos 1º, 2º e 3º ano do curso. Diante desses momentos percebemos que algumas professoras não possuíam saberes necessários para alfabetizar na perspectiva do letramento, surgindo então, o interesse em saber como esta prática está se efetivando nas escolas municipais da cidade de Ponta Grossa, bem como os desafios dos docentes frente à perspectiva de alfabetizar letrando.

A prática de ensinar o aluno a ler e escrever precisa ser compreendida e o professor precisa ter saberes específicos para desenvolver esta tarefa. Porém, as vivências ao longo do curso revelam que, por vezes, as atividades desenvolvidas nas escolas continuam com objetivo de codificar e decodificar letras, dificultando o processo de construção de conhecimento e adaptação da criança na sociedade em que está inserida. Desta forma, muitas vezes a alfabetização na perspectiva do letramento fica apenas nos discursos dentro das escolas, conforme observamos os alunos, de um modo geral, possuem pouca capacidade de interpretação, pois não estão acostumados a trabalhar com diversos gêneros textuais em sala de aula, dificultando a interpretação de mundo e a interação com a sociedade.

Desta forma, a pesquisa orientou-se pelas seguintes questões: Quais seriam as concepções das professoras das classes de alfabetização sobre alfabetização e letramento? Quais suas

percepções referentes aos saberes necessários que contribuem para sua prática pedagógica alfabetizadora? Quais os saberes docentes necessários para alfabetizar letrando?

Para esclarecer as questões expostas, delineamos como objetivo geral: Investigar quais os saberes docentes necessários para alfabetizar letrando. Para atingi-lo foi necessário definir também objetivos específicos: Esboçar o histórico e as concepções e métodos de alfabetização e letramento; investigar quais são os saberes docentes necessários para uma prática de alfabetização e letramento; identificar quais saberes, proposto por Tardif, os docentes possuem em relação à prática de alfabetização.

Neste contexto, a pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa, numa perspectiva descritiva, com o intuito de capturar o que os participantes compreendem das questões em foco. Para o instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário, o qual foi aplicado a professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal de ensino de Ponta Grossa, estas trabalham com turmas do 1º ao 3º ano do primeiro ciclo (considerado ciclo de alfabetização). Com a coleta e interpretação dos dados das professoras que participam ativamente no processo de alfabetização, foi possível comparar a concepção das mesmas sobre o tema em foco com as referências bibliográficas estudadas a fim de desenvolver uma reflexão sobre os desafios da prática pedagógica para alfabetizar letrando.

Alfabetização e letramento

Numa concepção tradicional, a alfabetização é entendida como um processo em que a língua escrita é a transcrição da língua falada, ou seja, o aluno deve aprender a ler e escrever. Nesta perspectiva Amaral (2005, p. 76) nos mostra que “[...] a decifração e a dominação do código (processo mecânico) são entendidas como aspectos centrais do processo”, Carvalho (2005, p. 65) corrobora esclarecendo que “alfabetizar é ensinar o código alfabético”.

Porém muitas mudanças, em relação ao sujeito alfabetizado, ocorreram nos últimos anos. Como vimos anteriormente, na década de 80, foi introduzido no Brasil o pensamento construtivista de alfabetização com as pesquisas sobre a Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky. O construtivismo não foi um método pedagógico, mas revelou os processos de

aprendizagem da criança, propondo uma nova forma de ver a alfabetização, como um recurso processual e construtivo com etapas sucessivas e hipotéticas.

Nesta mesma época, foi notado um número de pessoas “alfabetizadas”, ou seja, o domínio do código. Porém eram consideradas analfabetas funcionais¹, que são pessoas que codificam e decodificam o código, porém não conseguem compreender o que leram.

A partir de 1985, com os estudos de Vygotsky, começa a se discutir no Brasil o homem como um agente ativo que age sobre o mundo sempre por meio de relações sociais. Para Larocca e Saveli (2005, p. 206) “[...] Vygotsky ergueu claramente uma teoria de ensino [...] a partir de seu interesse na influência das mediações sócio-culturais no processo de desenvolvimento cognitivo”.

O aprendizado não acontece somente na escola, e sim muito antes de entrar nela, por meio de interações e vivências do seu cotidiano, ou seja, a criança já entra na instituição com uma história aprendizagem prévia. Para melhor compreender Leite (2005, p. 37) nos explica a teoria sócio-histórica como:

[...] o processo pelo qual a criança passa a atribuir significado à grafia. Nesse sentido, os estudos dessa corrente enfatizam os chamados precursores da escrita (no que se relaciona ao seu caráter simbólico), a partir do gesto, passando pelo desenho e pela brincadeira, até a escrita formal, cuja apropriação geralmente ocorre na escola.

Observa que o professor é muito importante no processo de internalização da escrita pelo aluno, pois é ele quem irá fazer a mediação entre o conhecimento e a criança. Os estudos de Vygotsky tiveram muita relevância para a alfabetização, surgindo a necessidade de ensinar as crianças de modo mais significativo para que o processo de aquisição da leitura e da escrita tivesse relação com o uso social da língua.

Do ponto de vista de Soares (2009, p. 58) diante disto fez necessário um novo conceito de alfabetização, pois “[...] nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e, sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.” Nesta mesma concepção e visto que a sociedade tornava-se cada vez mais centrada na escrita, Nucci (2005, p. 52) salienta “uma nova necessidade

¹Albuquerque (2005, p.17) esclarece que o termo analfabeto funcional surge “[...] de “codificação” e “decodificação”, não conseguiam fazer uso da escrita em diferentes contextos sociais”

configura - se: não basta aprender a ler e a escrever, é preciso usar a escrita no cotidiano”.

E para explicar o porquê do novo conceito de alfabetização, Soares (2009, p 16, grifado autor) afirma que “[...] novo fato, ou nova ideia, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, letramento”. Ou seja, houve a necessidade de compreender a presença da escrita na sociedade então trouxe a palavra letramento.

Nucci (2005, p. 55) nos mostra que “trata-se da versão em português da palavra inglesa “literacy”, que vem do latim littera(letra) mais o sufixo “cy”, que designa condição, qualidade”. Para melhor compreender Soares (2009, p.18) definiu letramento como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Em outras palavras, alfabetizar letrando propõe atividades contextualizadas de forma que a crianças experimente diversas situações de leitura e escrita partindo de sua realidade. Assim, na alfabetização faz necessário considerar o contexto real que a criança vive, pois estas trazem conhecimentos prévios sobre a linguagem escrita e oral, como nos aponta Nucci (2005, p. 63) “[...] a criança traz marcas da escrita a partir de sua história de interações cotidianas [...] é preciso considerar a história de letramento, os aspectos culturais e políticos e também estabelecer um vínculo entre família e escola”.

É importante salientar que deve haver uma interação entre professor e aluno, para que o aluno consiga identificar a relação entre situações do seu cotidiano com as aulas de alfabetização e as necessidades do uso da escrita. Este professor precisa estar esclarecido que alfabetização e letramento são dois processos diferentes, porém inerentes, ambos desenvolvem-se concomitantemente. E ao mesmo tempo é preciso promover um ambiente favorável para que esta prática se torne efetiva nesta perspectiva, oportunizando assim as relações sociais que acontecem na sala de aula. De acordo com Atkinson (2002,apud PRETO-BAY, 2007, p. 29):

As relações sociais que se estabelecem na sala de aula, particularmente no que se refere à posição do professor como mentor e mestre em relação a um aprendente, dão ênfase ao conceito da aprendizagem através de participação activa e progressivamente mais competente numa comunidade de prática específica.

Sendo assim, a participação dos alunos em sala de aula orientada pelo professor formam

atividades completas em que a interação social resulta em aprendizado significativo. E para que haja desenvolvimento pessoal e social dos alunos, o docente precisa ser cuidadoso com seu planejamento enfocando sua prática de alfabetização em atividades com experiências reais para depois formar conceitos, levando em conta que cada aluno tem seu tempo de aprendizagem e que a tarefa de alfabetizar depende de um período longo e também se torna imprescindível respeitar as especificidades de cada criança.

Preto-Bay (2007, p. 29 – 30) ressalta que:

[...] o desenvolvimento dos aprendentes ocorre a longo prazo, é necessário que esses tenham oportunidade de reorganizar as suas formas de pensar de modo a, progressivamente, atingirem um nível de entendimento [...] Para que tal aconteça os alunos devem ter acesso à participação social orientada pelo professor [...] através da reflexão, na sequência das discussões na sala de aula e da própria natureza da atmosfera da aula, os alunos começam a desenvolver não só os seus próprios processos e experiências, mas também uma arquitetura de significados e relações que são o produto da comunidade linguística que a sala de aula constitui, bem como das relações estabelecidas entre os alunos em si e entre o professor e estes mesmos alunos.

Então, no que se refere ao processo de alfabetização na perspectiva do letramento, Nucci (2005, p. 54) nos coloca que:

Hoje entende-se o processo de alfabetização não apenas como alfabetização escolarizada, mas sob uma perspectiva de letramento. Pensar no processo de alfabetização considerando-se as práticas sociais de leitura e escrita coloca o desafio, para os educadores, de alfabetizar letrando [...].

O professor precisa ter uma dimensão ampla sobre esta temática olhando para as necessidades dos alunos para que eles se apropriem da linguagem escrita, mas ao mesmo tempo reflitam sobre o que estão escrevendo para que haja aprendizagem significativa.

Ler e escrever na perspectiva do letramento traz ao sujeito uma nova condição social e cultural, um jeito novo de viver na sociedade e se inserir na cultura, trazendo também consequências linguísticas, pois conviver com a língua escrita influencia a língua oral enriquecendo seu vocabulário. Essas mudanças refletem tanto no indivíduo quanto no grupo social em que está inserido. Por meio do letramento o indivíduo tem possibilidade de novas maneiras de inserção cultural.

Para Soares (2009, p. 37):

[...] a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural [...] sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente [...] é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta [...] o letrado fala de forma diferente do iletrado ou analfabeto.

Ainda segundo a autora, uma pessoa pode não saber ler nem escrever, ou seja, analfabeta, mas pode ser letrada. Se o indivíduo sabe ler e escrever apenas, é alfabetizado. Se ele passa fazer uso da leitura e da escrita em práticas sociais do cotidiano ele é um indivíduo alfabetizado e letrado.

Numa sociedade focada na escrita, como a nossa, é difícil considerar uma pessoa “iletrada”, isto é, nenhum contato com a escrita. Mas, podemos falar em níveis de letramento. Para Leite (2005, p. 31) “estudar, os níveis de letramento de um grupo social significa identificar as suas práticas relacionadas com a escrita e analisar as consequências sociais, para este grupo, dessa apropriação”.

É possível diferenciar no letramento as dimensões individual e social. A dimensão individual tem relação com competências individuais, presentes na leitura e na escrita, desde o domínio do código até a significação de um texto.

A dimensão social se relaciona com as práticas sociais, o que as pessoas fazem com as competências e os conhecimentos da leitura e da escrita. Neste sentido ainda Leite (2005) nos mostra que a alfabetização e o letramento devem estar interlaçados entre si, no mesmo tempo em que aprende as práticas da leitura e da escrita ele estará aprendendo elementos textuais para construir significado, isto envolve o domínio do código, mas numa perspectiva das práticas sócias da escrita.

Neste sentido, Nucci (2005, p. 56, grifo do autor) explica essas duas dimensões:

Na dimensão individual, o letramento é interpretado como um atributo pessoal, ou seja, a posse de habilidades individuais de leitura e de escrita. Pode-se entender que essa dimensão se aproxima da idéia de alfabetização no sentido de domínio do código escrito. [...] Na dimensão social, letramento é um fenômeno cultural referente a um conjunto de atividades sociais que demandam o uso da escrita.

Para Soares (2009), na dimensão social, o letramento é compreendido em duas perspectivas. A primeira revolucionária ou radical, relacionando o processo de alfabetização como transformação da sociedade. Já na segunda progressista ou liberal, o letramento é defendido à alfabetização como adequação social do indivíduo.

Em síntese alfabetizar letrando torna-se uma forma mais efetiva de ensinar. Dessa forma o papel do professor, segundo Nucci (2005) é induzir o aluno a ler e a escrever a partir das suas experiências com a língua escrita, pois ele aprenderá na medida em que aquele conhecimento tenha significado.

Os estímulos do letramento vão depender do ambiente em que a criança está inserida, então a escola precisa priorizar este trabalho. Carvalho (2005, p. 69) pontua que:

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social.

Portanto, não se trata de negar as habilidades e competências necessárias para o domínio do código escrito, entretanto ir além da decodificação, compreendendo que o ensino da leitura e da escrita envolve diversas dimensões, entre essa diversidade, a cognitiva e asocial. Para tal, torna-se necessário o professor ter conhecimentos específicos para desenvolver esta função tão importante, uma vez que é à base de todo o processo educacional de um indivíduo.

Nesta perspectiva, Amaral (2005, p. 81) menciona que:

[...] é preciso que esse professor seja um sujeito reflexivo, que esteja sempre avaliando suas ações como profissional e cidadão. A necessidade de referências teóricas para essa análise faz desse educador um constante pesquisador dos conhecimentos construídos pelo homem, tanto em relação aos conteúdos sistematizados como em relação às teorias pedagógicas que fundamentem sua prática.

O docente precisa estar constantemente buscando novos conhecimentos, Grotta (2005, p.149) aponta que o professor alfabetizador “[...] não pode restringir-se apenas a ensinar a ler, mas deve preocupar-se em apresentar o mundo da leitura indicando livros, lendo para os alunos e

envolvendo-se na leitura com eles e para eles”.

Importante salientar que dentro do processo de aprendizagem as experiências da sala de aula determinam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, ou seja, como o professor irá mediar essa relação,

A qualidade da mediação desenvolvida pelo professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação do aluno com tal objeto. O trabalho que o professor realiza concretamente – como ele interage, como trata o conteúdo, que tipo de atividades utiliza, como corrige, como avalia etc. – influenciará a construção dessa relação. (TASSONI, 2005, p.227).

Nesta perspectiva a docência necessita de um processo constante de aprendizagem e de reflexão crítica sobre sua prática. O estudo desta pesquisa foi de forma reflexiva a partir de dados reais sobre o que pensam as professoras alfabetizadoras sobre alfabetização e letramento e suas concepções dos saberes que precisam ter para efetivar uma prática exitosa.

Isso nos fez buscar referenciais teóricos e metodológicos referentes à temática, permitindo-nos um ganho significativo de conhecimentos e novas compreensões, além de nos oportunizar a análise de concepções diversificadas de professoras que estão inseridas na realidade do tema.

Saberes Docentes Necessários Para Uma Prática Alfabetizadora

Para o desenvolvimento da prática do professor alfabetizador são necessários saberes docentes, a partir deles faz-se necessário refletir e incorporá- los para efetivar uma prática que promova a alfabetização numa perspectiva do letramento, valorizando as práticas sociais.

Assim, a análise dos questionários² permitiu a identificação de saberes docentes, propostos, por Tardif (2014). Como já apontado neste trabalho, o autor compreende que, para o desenvolvimento da atividade docente, são necessários os seguintes saberes:

Saber da formação profissional [...] conjunto de saberes transmitidos pelas instituições

²Nos questionários analisados havia poucos dados referentes aos saberes docentes por isso não há um aprofundamento.

deformação de professores Saber disciplinar [...] saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas [...] Saber curricular [...] estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos [...] Saber experiencial [...] baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ele validados. (TARDIF, 2014, p. 31-32-33).

Para o autor, esses são saberes contextualizados, distintos que envolvem diversos aprendizados, ou seja, saber pessoal, profissional e experiencial. Ao se tratar da importância dos saberes docentes no processo de alfabetização, esses saberes adquirem um aspecto ainda maior, tanto no aprender como no ensinar, requerendo que o professor articule e domine esses saberes para assim mediar o conhecimento adquirido por ele.

O saber experiencial aparece por duas vezes nas falas das professoras, pois constitui um saber significativo para as mesmas

Trocando experiências. (P7).

Através das trocas de experiências o que torna o ensinar mais dinâmico. (P8).

Essas afirmações mostram o que foi ressaltado por Tardif (2014), no segundo capítulo, sobre os saberes da experiência, os quais fazem parte da prática individual e coletiva. Macenhan (2015, p.67), compartilha da mesma concepção em que “os anos de experiências aparecem como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da prática cotidiana com segurança e autonomia”. A experiência é fonte de conhecimento, sempre se articulando com os demais saberes, porém não pode ser considerado o único saber e o mais importante, mas servir de reflexão sobre a própria prática.

O docente em sua carreira constrói e reconstrói saberes dependendo das necessidades que emergem na sua realidade, suas experiências, seus percursos de formação e sua trajetória de vida pessoal. Diante disto a prática docente contém diversos saberes, e esta prática não produz todos esses saberes conforme aponta Tardif (2014, p. 56) “os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar”.

A P4 e P6 elencaram que os saberes necessários para uma prática alfabetizadora advêm dos saberes da formação profissional e dos saberes disciplinares. Para elas:

Além da formação (inicial), participar das formações continuadas, além de buscar literatura específica (P4).

Atualização por intermédio de cursos de capacitação, além da sua formação profissional, quer seja no magistério ou superior e adequação aos meios que lhe serão fornecidos para a execução satisfatória do trabalho (P6).

De certo modo, compreendemos através das respostas analisadas que os saberes disciplinares integram-se a prática docente por meio da formação inicial e continuada, e que esse saber advém das instituições universitárias.

Para Tardif (2014, p. 31) os saberes da formação profissional são um conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores. Assim sendo, ele afirma que:

O professor e o ensino constituem objetos de saber para as ciências humanas e para as ciências da educação. Ora, essas ciências, ou pelo menos algumas dentre elas, não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los a prática do professor.

Esse conjunto de saberes envolve os saberes pedagógicos das ciências sociais, assim, saber qual melhor forma de alfabetizar exige do professor um saber pedagógico, ou seja, é fundamental que o docente elabore uma concepção sobre alfabetização, buscando embasar seus conhecimentos para trabalhar com as situações do cotidiano em sala de aula. Deste modo, este saber da formação profissional auxilia o professor na construção do seu planejamento, a refletir nas suas ações e seus objetivos.

Todos os saberes que constituem a prática docente estão associados e dependem de um processo reflexivo para que haja um resultado exitoso em sala de aula. Macenhan (2015, p. 53) nos mostra que “o movimento reflexivo sobre e na prática interfere na constituição dos saberes e ao mesmo tempo adquire características distintas a cada instante”.

Estes saberes mencionados por Tardif (2104) são introduzidos pelos professores durante o longo de sua vida. A articulação dos mesmos precisa ocorrer por meio de reflexão crítica permitindo que o professor tenha uma prática sólida e apropriada.

Freire (2002), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, mostra quais são os saberes necessários para o desenvolvimento da prática educativa, evidenciando que não há docência sem discência, sendo imprescindível o envolvimento de professor e aluno no processo ensino e aprendizagem. Este autor entende que ensinar requer o desenvolvimento de algumas competências do docente:

Rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e a assunção da identidade cultural; consciência do inacabado; reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do ser educando; bom-senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; curiosidade; segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem aos educandos. (FREIRE, 2002, p. 6)

Com base nesses saberes elaborados por Freire (2002), o professor alfabetizador tem necessidade de refletir e absorver os saberes necessários para efetivar sua prática pedagógica objetivada na alfabetização dos seus alunos.

Ao pensarmos nos saberes necessários à alfabetização, pedimos que as professoras alfabetizadoras elencassem o que contribui para sua prática docente alfabetizadora, levando em consideração a importância de cada coisa enumerando de 1 a 7.

As questões levantadas para que elas elencassem a importância foram: a teoria da formação inicial, sua participação em projetos de extensão, a experiência como professora alfabetizadora, o acompanhamento pedagógico na escola, a formação continuada, a troca de experiências com colegas, leituras e estudos individuais.

A alternativa que as professoras elencaram como primordial foi à teoria da formação inicial, visto que, conforme já explicitado por Tardif (2014), são os saberes advindo das instituições de formação de professores que é o início dessa trajetória.

A P2, P7 e P8 apontam que a segunda mais importante contribuição para sua prática é a experiência como professora alfabetizadora, ou seja, saberes que veem da experiência. Para Tardif (2014, p. 45) “Os saberes experienciais têm origem, portanto, na prática cotidiana dos professores

em confronto com as condições da profissão”.

Sendo assim, a experiência “acumulada” de cada ano faz com que a professora se sinta mais segura com sua prática e vai apenas se adaptando a nova realidade existente, assim como coloca Tardif (2014) esses saberes docentes que vem da experiência adquirida enquanto alfabetizadora, trazem certezas aos docentes facilitando sua integração com o contexto escolar.

A P2 logo elenca leituras e estudos individuais, acompanhamento pedagógico na escola, a troca de experiência com colegas, a formação continuada e por último a sua participação em projetos de extensão.

Para P7 julga necessário à troca de experiência com colegas, leituras e estudos individuais, formação continuada, o acompanhamento pedagógico na escola e sua participação em projetos de extensão.

P8 acredita que depois da formação inicial e da experiência adquirida enquanto professora alfabetizadora é importante à troca de experiência com as colegas, leituras e estudos individuais, a formação continuada, o acompanhamento pedagógico na escola e por fim sua participação em projetos de extensão.

Para P6 o que contribui para sua prática depois da teoria inicial são as leituras e estudos individuais, logo a formação continuada, sua participação em projetos de extensão, o acompanhamento pedagógico na escola, a troca de experiência com as colegas e por último a experiência como professora alfabetizadora.

Vimos que para esta professora alfabetizadora (P6) a questão da experiência não é tão importante quanto às demais, e o que surge de interessante aqui é que ela coloca em quarto lugar a sua participação em projetos de extensão, ou seja, aparece aqui o professor alfabetizador enquanto pesquisador, que para Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p.75):

O professor-pesquisador apresenta atitudes investigativas. Estas se revelam quando ele se empenha em detectar problemas, em procurar na literatura referências para estas ou aquelas situações, quando troca experiências com colegas, quando utiliza diferentes recursos teórico-metodológicos, como observação, a reflexão e o registro.

Neste sentido, tornar-se um professor pesquisador em sala de aula origina em uma investigação mais profunda do problema e certamente trazendo visões diferentes, conduzindo a

atitudes que irão contribuir para entender o cotidiano escolar. A ânsia de encontrar explicações dos diversos pontos de vista, confrontar respostas e realidades encaminha para uma prática que examine com cautela os processos de ensino aprendizagem da própria sala de aula levando a descobrir coisas sobre si e sobre os alunos e desta forma alcançar os objetivos propostos.

As professoras alfabetizadoras P1, P3 e P4 trazem que apenas a teoria da formação inicial e a experiência como professora alfabetizadora contribuem para sua prática alfabetizadora.

Considerando que a pesquisa pretendeu analisar as percepções das professoras das classes de alfabetização, referente aos saberes necessários que contribuem para sua prática pedagógica, é possível compreender dos dados analisados que a compreensão das professoras vai ao encontro dos conceitos discutidos no decorrer deste trabalho. Foi possível entrever em meio os dados do questionário tais percepções e práticas realizadas em sala de aula.

Considerações finais

Este artigo é um recorte do nosso trabalho de conclusão de curso. Ele objetivou analisar como se desenvolve o processo de alfabetização numa perspectiva de letramento nas escolas da rede municipal, ressaltando os saberes docentes necessários para essa prática.

Após as leituras do referencial teórico e a pesquisa realizada com professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal da cidade de Ponta Grossa, foi possível compreender que são diversas as concepções de alfabetização presentes nas práticas das professoras regentes de sala, as quais foram construídas ao longo da história.

Neste sentido, torna-se importante compreender as percepções das professoras das classes de alfabetização, referente aos saberes necessários para sua prática pedagógica alfabetizadora. Observando, nos estágios, algumas situações referentes à forma que a alfabetização acontece, buscou-se entender qual a concepção dos professores sobre alfabetizar na perspectiva do letramento.

A partir da análise para saber os saberes docentes que os professores trazem em sua trajetória, tanto profissional quanto pessoal, percebemos a necessidade de entender que os saberes não se reduzem a uma função de transmissão de conhecimentos já existentes. A prática

pedagógica integra diversos saberes, com os quais os professores se relacionam de diferentes formas.

Foi possível verificar as concepções das professoras pesquisadas sobre alfabetização e letramento e na sua maioria demonstram a compreensão sobre alfabetização e letramento como dois elementos indissociáveis.

Com relação à prática pedagógica e os métodos utilizados para alfabetizar, as mesmas enfatizam a importância de alfabetizar numa perspectiva de letramento, pois para que haja significado para o aluno é preciso relacionar o seu cotidiano com a leitura e escrita, ou seja, considerar os conhecimentos prévios que a criança traz de suas vivências na sociedade, e para isso ser efetivado relatam a importância do docente conhecer a realidade, bem como as especificidades do seu aluno.

Podemos notar que as professoras compreendem que a alfabetização não é um processo distante das demais dimensões que envolvem escola e vida pessoal dos alunos, por este motivo conclui-se que o maior desafio para uma professora alfabetizadora é a prática reflexiva, ou seja, práticas que devem ser conduzidas à ação, reflexão e ação na busca de diversas formas de ensinar para que haja uma transformação da realidade.

Para desenvolver a atividade de professor alfabetizador é necessário diversos saberes, em seguida incorporá-los e refleti-los para efetivar uma prática que favoreça uma alfabetização valorizando as práticas sociais.

Considerando que o propósito desta pesquisa foi analisar as percepções das professoras de classes de alfabetização referente aos saberes necessários para uma prática alfabetizadora, bem como as concepções de alfabetização e letramento, pudemos compreender que os dados analisados das respondentes convergem com os conceitos discutidos neste trabalho.

Este trabalho contribuiu para ampliar nossa compreensão sobre o processo de alfabetização e os saberes necessários para uma prática exitosa, aumentando nossa pretensão de se aprofundar nesta temática. A pesquisa contribuirá para nossa prática profissional como professora e pedagoga e nos orientará em relação a esse processo de alfabetização, processo que exige reflexão e investigação para enfrentar as indagações da prática.

Referências

AMARAL, Cíntia Wolf do. Alfabetizar letrando: Um desafio para o professor. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 142 p.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 304 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 54 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 107 p.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. Formação do leitor: importância da mediação do professor. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p.

LAROCCA, Priscila; SAVELI, Esméria de Lourdes. Retratos da psicologia nos movimentos de alfabetização. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Notas sobre o processo de alfabetização escolar. In_____. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

MACENHAN, Camila. Saberes Docentes. In_____. **Saberes e Práticas docentes na Educação Infantil**. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2015. p. 52-92.

NUCCI, Eliane Porto Di. Alfabetizar letrando: Um desafio para o professor. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.

PRETO-BAY, Ana Maria Raposo. Acesso social, práticas educativas e mudanças teórico-pedagógicas ligadas ao gênero textual. In: SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. 1. ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 28 – 31

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. 128 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e a formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Alfabetizar letrando: Um desafio para o professor. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. 3. Ed. Campinas, SP: Komedi, 2005.